

## INTERDISCIPLINAR

### LAZER: UM NOVO TEMPO

**Nélson Carvalho Marcellino**

Mestrando em Filosofia na PUCCAMP

“No novo tempo  
apesar dos castigos  
de toda fadiga  
de toda injustiça  
estamos na briga  
pra nos socorrer.

No novo tempo  
apesar dos perigos  
de todos pecados  
de todos enganos  
estamos marcados  
pra sobreviver...”

( Ivan Lins e Vítor Martins )

Certamente os autores da canção em epígrafe não conceberam o tempo na dimensão que procurarei enfocar neste artigo; analisando-se a composição na íntegra e, levando-se em conta o contexto em que foi composta, fica muito clara a visão de tempo histórico. Apesar de considerar as condições históricas, que permitiram o surgimento do novo tempo, é necessário precisar de início, o emprego do termo, pois tempo e história são comumente associados. Não pretendo, também, uma abordagem dos diferentes conceitos de tempo e da sua evolução na história do pensamento filosófico. A dimensão de tempo, aqui analisada, está ligada a expressões, freqüentemente encontradas no senso comum, como, por exemplo: “tempo é dinheiro”, “matar o tempo” etc. O que tentarei estabelecer são as circunstâncias geradoras e as perspectivas abertas por um novo tempo, considerado, aqui, tão-somente, como parte mensurável do movimento, do cotidiano dos homens — o tempo livre, o lazer.

Entretanto, não é apenas para estabelecer a diferença de concepções que me refiro à canção, mas sobretudo, porque acredito que este novo tempo contém os mesmos “apesar” e “estamos” cantados pelos compositores. Na visão do novo tempo, nossa divergência se resume na finalidade, no “pra”: além de “nos socorrer” e “sobreviver”, creio que esse novo tempo, considerado no plano da superestrutura, goza de autonomia relativa e é regido por leis específicas, ainda que influenciadas por uma série de outras variáveis, inclusive de tempo, constituindo um canal, não

único, mas nem por isso deixa de ser rico em possibilidades, e que, assim sendo, deve ser considerado por todos aqueles que desejam construir uma nova cultura, baseada numa nova ordem social.

## TEMPO LIVRE E LAZER

Não existe um acordo, no pensamento contemporâneo sobre a forma de entender o lazer, e podemos distinguir, pelo menos, duas grandes linhas: a que considera o lazer, como estilo de vida, e, portanto, independe de tempo determinado, e qualquer atividade humana se prestaria a sua prática, inclusive o trabalho<sup>1</sup>; e a que supõe tempo determinado, alguns situando esse tempo como o liberado do trabalho<sup>2</sup>, e outros como o tempo livre, não só do trabalho, mas de outras obrigações: familiares, sociais, políticas e religiosas, enfatizando a qualidade das ocupações desenvolvidas<sup>3</sup>.

Mesmo correndo o risco de enfrentar áreas nebulosas, como as exemplificadas pelo fato de que o mesmo indivíduo pode, em dado período de tempo, desenvolver atividades simultâneas, sou partidário, pela própria dinâmica histórica da produção do tempo liberado e, posteriormente, de forma crescente, da produção do tempo livre, do conceito de lazer que combina o "componente residual, ou de tempo, acompanhado de uma afirmação normativa sobre o que o lazer deveria ser"<sup>4</sup>. Concordo que "uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto às de atividade"<sup>5</sup>, mas, no âmbito deste artigo, procurarei, como já manifestei no início fixar-me naquela primeira dimensão.

Alguns pensadores<sup>6</sup> consideram que, se os homens sempre trabalharam, também paravam de trabalhar, existindo assim um tempo de não-trabalho, e que esse tempo seria ocupado por atividades de lazer mesmo nas sociedades tradicionais. Para outros, como o sociólogo francês Joffre Dumazedier "o lazer é um produto específico da industrialização"<sup>7</sup>.

## TEMPO ORGÂNICO E TEMPO MECÂNICO

Recorrendo a Cassirer<sup>8</sup>, verificamos que o tempo orgânico pode ser considerado como o extrato mais baixo de experiência e está ligado à própria sobrevivência. Podemos, aqui, abordar o tempo natural ou cíclico das sociedades tradicionais. Nelas, os homens viviam "em comunhão com a natureza, pautando seu dia pelo nascer e pôr-do-sol e seu trabalho pelo ciclo das estações ( ... ) O sentimento de tempo é limitado em sua extensão, pois, estende-se apenas ao futuro mais próximo e ao passado mais recente"<sup>9</sup>. Não há, praticamente, distinção entre o tempo de trabalho e o tempo liberado do trabalho.

Com a Revolução Industrial e o desenvolvimento da técnica, o tempo de trabalho deixa de ser orgânico e caminha em direção à organização, ditada pela mecanização. Dumazedier sintetiza da seguinte forma os fundamentos históricos da produção do lazer, nas sociedades de tipo industrial: "No começo temos o paradoxo econômico: sociedade que produz mais riqueza e mais tempo liberado. No tempo liberado observamos um movimento social que tenta fazer regredir o controle do indivíduo pelas instituições de base da cidade: instituição religiosa, instituição familiar, instituição escolar, instituição política. E, neste tempo liberado com o movimento social de regressão do controle institucional do tempo liberado, há aspiração a uma autogestão do tempo, como direito social à expressão de si mesmo, uma passagem da ética da repressão a uma ética de expressão e, quando a situamos na História, podemos levantar a hipótese de um movimento novo de conquista dos direitos da pessoa humana"<sup>10</sup>.

Referindo-se à dicotomia entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho ( liberado ), Renato Requiça pondera que "sem entrarmos em considerações relativas ao comprometimento das horas livres diárias, principalmente nos grandes centros, cabe apenas a observação quanto ao fato de que tal dicotomia, sendo melhor caracterizada no mundo urbano que no mundo rural, permitiu que o trabalhador fosse dispendo, para si próprio, de um tempo verdadeiramente livre e com tendência a aumentar"<sup>11</sup>. Por sua vez, embora concordando que "o verdadeiro lazer ativo é também um lazer livremente escolhido, praticado no momento e da maneira esperada por aquele que dele aguarda a satisfação e, até mesmo um certo desenvolvimento"<sup>12</sup>, Friedmann argumenta que "a industrialização, nas condições sociais em que atualmente se realiza, tende, através da redução da jornada de trabalho, a aumentar o "tempo liberado", mas também a reintroduzir neste um certo número de coações"<sup>13</sup>.

Erich Fromm, coloca de forma sintética, a perplexidade do homem frente à conquista do tempo livre constante, no seguinte parágrafo: "Reduzimos a média de horas de trabalho à metade do seu total de há cem anos. Temos hoje mais tempo livre do que os nossos ancestrais poderiam sequer sonhar. Mas que aconteceu ? Não sabemos como usar esse tempo livre; tentamos matar o tempo que economizamos ao trabalho e ficamos contentes quando termina mais um dia"<sup>14</sup>.

São inúmeras as acusações à idade da máquina, que provocou a ruptura entre o tempo natural e o tempo mecânico. Pappenheim as resume nestes termos: "O Homem não pode mais expressar-se no seu trabalho. A mecanização crescente da vida engendra uma concepção calculista da Natureza e da sociedade e dissolve o laço de união do indivíduo com as mesmas. O mundo da máquina segue seu próprio curso e foge da direção do Homem. Essas acusações culminam com a de que o Homem na idade da máquina tornou-se alienado do seu trabalho, de si mesmo, da realidade, da

sociedade e da Natureza"<sup>15</sup>. No entanto, continua Pappenheim "A defesa corrente é que a máquina é essencialmente neutra e indiferente no que diz respeito ao fim que serve. Pode ser usada para fins criativos ou destrutivos. Pode ajudar o Homem a se encontrar a si mesmo, ou a tornar-se um estranho para si mesmo; a ser intimamente ligado às forças da Natureza e da sociedade ou a ser alienado delas. Portanto, conclui a defesa, se quiser entender a alienação do Homem não vá à tecnologia. Você será mais realista se se concentrar nas forças que por sua própria natureza podem ser neutras, mas que surgem do conflito e lutam pelo poder"<sup>16</sup>. Comentando o mesmo fato, Francisco Iglésias conclui que: "Antes de ser inimiga do homem e do trabalho, a máquina é alienada e libertadora. Trata-se de visão equívoca do problema, pois não se pode recusar jamais o progresso técnico. Se ele leva a algum desajustamento no início, é por um mau encaminhamento social. A longo prazo qualquer inovação representa sempre vantagem, com aumento da produtividade, diminuição dos esforços físicos. Demais, a liberação do tempo pode conduzir a menos horas e menos dias da semana de labor, a serem dedicados ao descanso ou à melhor formação profissional e humana, tornando a vida mais tolerável e bela, até — quem sabe? — chegar-se às fantasiosas utopias"<sup>17</sup>.

## A VISÃO FUNCIONALISTA DO TEMPO LIVRE

No meu entender os desencontros e desajustamentos verificados na utilização e no tratamento da questão do tempo livre decorrem de uma visão funcionalista do novo tempo.

A visão funcionalista do tempo livre ou o concebe como finalidade, ou como função reparadora. No primeiro caso, poderíamos citar uma série de autores. Ficamos com um apenas: Bertrand Russel, que já em 1932, no seu "Elogio ao Lazer", assim se manifestava sobre a questão: "O que quero dizer é que, com quatro horas de trabalho, qualquer pessoa está em condições de garantir um mínimo indispensável para gozar a vida e que o restante da vida deve ser passado como ela bem entender"<sup>18</sup>; no segundo caso se situam os autores da "Teoria do Capital Humano", ou a velha moral cristã do trabalho, que consideram o tempo livre apenas, ou principalmente, como reparador dos efeitos negativos do trabalho, para mais trabalho — uma função reparadora, ou seja o tempo de recuperação para melhor desempenho dos papéis individuais. As duas alternativas, na verdade, consideram o homem como simples máquina que necessita, para o seu funcionamento, de períodos de manutenção e reparo.

Assim, embora possa, à primeira vista, parecer uma proposta altamente humana, a sugestão de Russel não percebe o homem na sua totalidade. Essa parcialidade, na consideração do homem, fica ainda mais clara, se admitirmos, como Ecléa Bosí que "... se no trabalho e no lazer

corre o mesmo sangue social, é de esperar que a alienação de um gere a evasão e processos compensatórios em outro”<sup>19</sup>.

David Riesman, considerado por muitos um apologista do lazer, no seu trabalho pioneiro “A Multidão Solitária”, critica sua própria obra no Prefácio escrito em 1960, assim se expressando: “A única nota fortemente utópica que permanece no livro, parece-nos, agora, a menos satisfatória, isto é, a idéia toda de que a autonomia na cultura pós-industrial devia encontrar-se no jogo e no lazer, e não no trabalho ...”<sup>20</sup>; E aduz “... seja como for, concordamos com Paul Goodman, em ‘Growing Up Absurd’, no fato de que homens precisam sentir-se adequados: sujeitar-se a um emprego e depois relacionar-se com a vida através do consumo não basta. De fato, logo compreendemos que a carga lançada sobre o lazer pela desintegração do trabalho é demasiado grande para que se possa enfrentá-la. O lazer em si não é capaz de salvar o trabalho, mas fracassa juntamente com ele, e só poderá ser significativo para a maioria dos homens se o trabalho o for, de maneira que as próprias qualidades por nós procuradas no lazer terão maior probabilidade de se tornarem realidade se a ação política e social travar a batalha, em duas frentes, do trabalho-e-lazer”<sup>21</sup>.

A interdependência entre o tempo de trabalho e o tempo livre, fica ainda mais clara se levarmos em conta que “... o lazer constitui um fato social de alta importância, condicionado evidentemente pelo tipo de trabalho que, por sua vez, exerce uma influência sobre ele. Ambos formam um todo. O trabalho só será humano se permitir ou suscitar um lazer humano. Porém o lazer que não passar de uma simples evasão do trabalho, de uma fundamental falta de interesse pelos problemas técnicos e sociais do trabalho só será uma falsa solução dos problemas da Civilização Industrial. Não é possível também tratar separadamente e, cada um de seu lado, os problemas próprios do lazer e os que pertencem ao trabalho. Na verdade, a humanização do trabalho pelos valores do lazer é inseparável da humanização do lazer determinada pelos valores do trabalho ...”<sup>22</sup>.

## A ORDEM CAUSAL NO TEMPO

A visão funcionalista de tempo livre, imediatista e utilitarista, não considera a ordem causal no tempo ( a não ser no sentido de recuperação de forças ), não percebendo, portanto, o homem na sua totalidade.

Já na “Crítica da Razão Pura” de Kant, vamos encontrar a redução do tempo à ordem causal — “é lei necessária da nossa sensibilidade e, conseqüentemente, condição formal de todas as percepções, que o tempo anterior determine necessariamente o seguinte”. Retomando a análise do tempo como ordem causal Cassirer argumenta que “O organismo nunca está localizado num instante isolado. Em sua vida, os três modos do tempo — passado, presente e futuro — foram um todo que não pode

ser desagregado em elementos individuais ( ... ) Não podemos descrever o estado momentâneo de um organismo sem tomar em consideração sua história e sem relacioná-lo com um estado futuro, para o qual o presente é tão-somente um ponto de passagem''<sup>23</sup>. Nessa perspectiva analisa o conceito antropológico de memória e a dimensão do futuro. Segundo o autor, "não é preciso apenas que as impressões anteriores se repitam; é necessário também que sejam ordenadas, localizadas e relacionadas com diferentes pontos no tempo. Esta localização não é possível sem a concepção do tempo como um plano geral — como uma *ordem serial*, que compreende todos os acontecimentos individuais''<sup>24</sup>. A dimensão de futuro abordada por Cassirer considera que "em nossa consciência do tempo, o futuro é um elemento indispensável ( ... ) Vivemos muito mais de nossas dúvidas e temores, ansiedades e esperanças ligadas ao futuro, do que de nossas recordações ou de nossas experiências presentes''<sup>25</sup>.

Nessa perspectiva fica perfeitamente claro o entendimento da afirmação de Friedmann que "a insatisfação no trabalho, seja ela consciente ou não, exerce uma ação permanente e múltipla sobre a vida fora do trabalho, uma vez que se traduz por fenômenos de evasão para atividades laterais''<sup>26</sup>. Surge, assim, a conduta de matar o tempo, de se distrair de si próprio, do tédio e do vazio.

## O TEMPO É POLÍTICO

Para Cassirer "o espaço e o tempo são o arcabouço que sustenta toda a realidade. Não podemos conceber coisa alguma senão sob as condições de espaço e tempo''<sup>27</sup>. Henri Lefévre demonstrou que o espaço é político e ideológico''<sup>28</sup>. Retomando e analisando esta concepção, Regis de Moraes concebe o elemento político como "tudo aquilo que signifique o **uso do poder para instituir uma certa ordem de coisas ou para corroer uma ordem vigente''**<sup>29</sup>. Dessa forma e, nessa concepção, se o espaço é político, também o tempo é político. Retomemos o pensamento de Regis de Moraes: "Pensar no político é ( ... ) pensar no jogo do poder e nas **forças** que são utilizadas neste jogo. E, sempre que há um exercício de poder pela força, fica logo clara a realidade da existência de interesses contrários. Se todos tivessem os mesmos interesses haveria tal harmonia e comunhão que a disputa pelo poder e, portanto, o uso da força ficariam inteiramente sem razão''<sup>30</sup>.

A História tem demonstrado que a conquista crescente do tempo livre é uma vitória dos trabalhadores em suas reivindicações. Isso em todos os países. Na França, por exemplo, a diminuição das jornadas de trabalho foi conquistada pela classe operária. O sociólogo Dumazedier ao se referir a esse processo, descreve, também como "a diminuição da duração do trabalho iria desenvolver, aos poucos, na classe operária, uma aspiração pelo lazer, mais ampla e mais profunda''<sup>31</sup>. No Brasil, é a partir de

1930 que se passou a cuidar, sistematicamente, da elaboração de leis sociais protetoras do trabalho, incluindo o aumento do tempo liberado, mas "ao contrário do que procurou fazer entender toda máquina de propaganda estadonovista, a existência da legislação trabalhista deve ser vista como conseqüência das lutas operárias por melhores condições de trabalho. Tem, portanto, um caráter fundamental de conquista dos trabalhadores"<sup>32</sup>. Renato Requixa lembra que, nessa época, são registradas "diversas reivindicações dos trabalhadores urbanos, cujos motivos vamos encontrar, muitas vezes, na falta de cumprimento da legislação em vigor ( ... ) A situação se confirma quando, em 1933, representantes sindicais de diversos estados fazem 'A Marcha Proletária sobre o Catete', para que se cumprisse a lei de férias, a lei de oito horas etc."<sup>33</sup>.

Não apenas a obtenção, mas as possibilidades de utilização do tempo livre, são desigualmente distribuídas. Sempre tendo por base o fator econômico, encontramos uma série de variáveis que dificultam a aquisição do tempo livre e sua utilização produtiva. Entre elas podemos destacar o sexo e a faixa etária.

As mulheres que "trabalham fora" sofrem os mesmos efeitos negativos que os homens, no que diz respeito à alienação das ocupações modernas, com agravantes que se manifestam após o expediente. A divisão do trabalho doméstico, numa sociedade tipicamente patriarcal, é verificada como exceção. Além das jornadas de trabalho profissional, as mulheres cumprem novos expedientes, assumindo, por via de regra, a totalidade das tarefas do lar. A situação é particularmente grave após o casamento, devido às obrigações sociais e familiares dele decorrentes. As mulheres que ficam em casa, não sofrendo diretamente os efeitos nocivos da vida profissional atual, poderiam se posicionar melhor na ocupação do seu tempo livre. Mas, de fato, isso não ocorre. Normalmente são desinformadas e tendem a transferir para o âmbito doméstico as ansiedades vividas pelos homens no campo profissional<sup>34</sup>. A rotina doméstica, a preocupação com os filhos pequenos, a longa exposição aos veículos de comunicação de massa, podem fazer com que as mulheres se tornem "tão desinteressantes, que permanecerão prisioneiras psicológicas, mesmo quando removidos os empecilhos físicos e econômicos à sua mobilidade"<sup>35</sup>. Mesmo em se considerando as características do trabalho doméstico — a fluidez, as pequenas distrações, o bricolage etc., não são nada animadores os índices de tempo livre da mulher casada, que oscilam entre catorze e vinte e uma horas semanais<sup>36</sup>, isso numa realidade européia. No entanto, as reivindicações, nesse sentido, são crescentes: "A mulher já não aceita mais ser somente mãe, como vinha sendo até agora. Ela passa a aspirar a uma vida mais pessoal, a ter tempo entre seu dever de esposa, seu dever de mãe, o dever institucionalmente dado a ela. Pretende ter um tempo, com o qual ela fará o que quiser, o que ela gosta de fazer, um tempo dirigido por ela mesma"<sup>37</sup>.

Assim, não somente os trabalhadores reivindicam mais tempo livre. Existe um movimento que se percebe em vários setores da população, para não somente obter, mas também defender o tempo livre em todas as fases da vida. "É claro que a juventude é quem mais reivindica, não só a juventude da classe média ou rica, mas também a juventude popular. Aquela que cada vez menos aceita a vida no interior da família, sob a tutela familiar, sob a tutela escolar. Essa juventude deseja ter o seu tempo livre dirigido por ela mesma, com atividades cada vez mais ruidosas e incertas que criam, é claro, muitos problemas à cidade moderna"<sup>38</sup>. No entanto, o tempo livre dessa população jovem é desigual. Baseado em dados oficiais no censo, Renato Requiça afirma que "... os jovens brasileiros têm seu tempo livre cotidiano afetado quantitativa e qualitativamente por uma série de fatores. Quantitativamente, pelo ingresso precoce no mercado de trabalho. Qualitativamente, pela experiência recente de padrões culturais tradicionais conflitivos com os modernos padrões de lazer urbano, ou pela forte incidência de analfabetismo e de evasão escolar"<sup>39</sup>.

Entre as crianças, que teoricamente deveriam dispor de muito tempo livre produtivo, afetado apenas pela obrigatoriedade do trabalho escolar, a situação real não é nada estimulante, não apenas entre as de famílias de renda baixa, mas também entre as pertencentes às classes média e alta<sup>40</sup>. A situação não é modificada, sobretudo para as classes mais baixas, nem mesmo no tempo de férias escolares. Estas, sua falta de sentido e improdutividade são apresentadas e analisadas por Cléa Nudelman e Maria Célia Malta Campos, da Revista da ANDE, numa região da periferia de São Paulo, constatando-se que as famílias não possuem meios para programar as férias das crianças e, por suas dificuldades econômicas, "nem sabem o significado real da palavra férias. Os pais, quando trabalham, geralmente recebem as férias em dinheiro o que é ilegal pela legislação do trabalho. Quando obrigados a tirar férias, o máximo que conseguem é ir até o bar mais próximo da casa, ou então ficam a maior parte do tempo dentro dela. E as férias do trabalhador nem sempre coincidem com as férias escolares. Assim, as crianças das chamadas classes menos abastadas começam a formar o seu conceito de férias a partir da sua casa. Ou seja, a não existência dessa palavra no contexto de sua vida"<sup>41</sup>. O fato é particularmente grave, sobretudo se considerado na perspectiva de tempo já abordada por Cassirer, ou seja em termos de ordem serial.

Comparando a situação de alunos e professores no tocante às férias, as autoras do estudo "Férias? um pesadelo" não vêem grandes diferenças e argumentam que: "Férias mais prolongadas podem ser verdadeiras para uma parte dos professores. Mas há muitos que por não terem direito a contratos regulares de trabalho sequer têm férias remuneradas (...). E mesmo para aqueles que poderiam usufruir de férias para o lazer e a descontração, muitas vezes elas não têm essa conotação. As condições

de trabalho são tais que a interrupção das aulas é esperada como a única tábua de salvação que permite “esquecer” as tensões e frustrações de um trabalho sem sentido”<sup>42</sup>.

E o que poderia ser dito a respeito da chamada terceira idade, ou seja, aquela faixa etária que já conquistou o direito a um tempo livre permanente. Recorramos ao gerontólogo Marcelo Salgado. Para ele “conquistada a aposentadoria, introduz-se permanentemente a circunstância do tempo livre maior, pela inexistência do tempo dedicado ao trabalho profissional. Passa a existir, portanto, a necessidade de ocupação desse tempo de uma forma gratificante. É quando surge a oportunidade do lazer”<sup>43</sup>. “Todavia, muito embora seja comum a afirmação de que o tempo da aposentadoria se identifica com um tempo de lazer, tal não acontece”<sup>44</sup>. O autor argumenta que numerosas pesquisas levadas a efeito tanto na Europa quanto nos Estados Unidos atestaram que os idosos são “... os que menos freqüentam equipamentos ou participam de atividades de lazer”<sup>45</sup>. Pode-se atribuir o fato a questões econômicas, ou de saúde, mas, ainda segundo Marcelo, “... mesmo para aqueles cujas condições de saúde e econômicas são boas, o impacto com a parada do trabalho profissional determina grande relutância em assumir uma vida de lazer. Os idosos de hoje, provavelmente por terem participado de um tipo de cultura que tendia à supervalorização do trabalho como maior expressão humana, entendem o lazer como uma atitude improdutiva, certamente ligada ao ócio”<sup>46</sup>. Talvez o fato possa ser melhor compreendido se nos reportamos ao conceito de memória antropológica de Cassirer, já abordado anteriormente.

Se considerarmos que a obtenção e o uso do tempo livre é político, teremos que colocar em dúvida o raciocínio da hierarquização das ações, que privilegia o aspecto econômico, colocando como prioridade o aumento de renda, para que somente depois a ação se volte ao plano cultural. É necessária toda uma política cultural que se norteie por valores de democratização, procurando aliar a qualidade à quantidade do tempo livre. “... Quando se fala em democracia cultural, não se quer obscurecer a importância da democracia econômica ou da democracia política, já que todos os aspectos estão interligados. O que se pretende dizer é que o acesso da totalidade da população à totalidade dos bens culturais é um sonho possível, somente se, aos benefícios da melhoria econômica, e da maior participação política, acrescentarmos uma ação cultural específica”<sup>47</sup>.

## TEMPO LIVRE E SUBDESENVOLVIMENTO

É fácil imaginar as reações negativas relativas ao estudo do tempo livre, do lazer, num país subdesenvolvido, com problemas de desemprego e subemprego. “Mais do que a excessiva simplificação do conceito de lazer — normalmente restrito à sua função de entretenimento inconse-

qüente — cabe levantar que o tema no Brasil não foi colocado como resposta ou em consequência do trabalho profissional, como ocorreu nas sociedades industrializadas, e sim como resposta às precárias condições da vida urbana. ( ... ) Na primeira ocasião em que o tema foi discutido por um grupo de estudiosos e homens de ação, o **Seminário sobre o Lazer** apresentava justamente como subtítulo **Perspectivas para uma cidade que trabalha** e, em sua palestra de abertura, Renato Requixa justificava a colocação do tema no Brasil pela problemática de nossas metrópoles, similar do ponto de vista do lazer à de grandes cidades de centros mais avançados<sup>48</sup>. Dumazedier, em sua palestra “Lazer nas sociedades em desenvolvimento”, proferida no 1º Encontro Nacional sobre o Lazer, realizado no Rio de Janeiro em 1975, chamava a atenção para o problema de uma política de lazer “numa sociedade em vias de desenvolvimento ou, melhor ainda, numa sociedade em que parte já atingiu um desenvolvimento industrial e a outra não”.<sup>49</sup>

Diversas barreiras se impõem ao lazer pela ideologia do desenvolvimento, condenando políticas efetivas nessa área, em países subdesenvolvidos. Nessa perspectiva, podemos distinguir, no Brasil, duas correntes de pensamento: Uma primeira corrente, baseada sobretudo na cultura da pobreza ( Oscar Lewis ) e na teoria das necessidades prioritárias ( Maslow ), concebe o lazer como algo a ser considerado apenas para as classes sociais privilegiadas, que já satisfizeram suas necessidades básicas de saúde, alimentação e habitação. Observa ainda que, uma vez numa situação de privação sócio-econômica, as camadas pobres da população vivenciam outra cultura, sendo prioritária a ação que as faça superar a condição de pobreza, para que só depois se pense nos problemas relativos ao lazer. A segunda corrente, que não se baseia em nenhuma teoria conhecida, defende o estabelecimento de prioridades para o desenvolvimento, com a concentração de recursos em áreas básicas que possibilitem impulsos em outras áreas, para que se atinja, assim, o crescimento econômico. Apóia-se, pois, numa tecnocracia que confunde desenvolvimento com crescimento econômico<sup>50</sup>. É fácil perceber as influências negativas dessas ideologias ao estabelecimento de políticas que visem a democratização das atividades de lazer, do tempo livre, principalmente em países subdesenvolvidos. O raciocínio lógico, quanto à primeira corrente, é que não seria justo o estabelecimento de programas e o desenvolvimento de esforços numa área que interessa apenas a uma pequena minoria da população. A segunda corrente, confundindo crescimento econômico com desenvolvimento, coloca aquele como base para a eleição das prioridades de ação.

Ao abordar a questão do tempo livre em países subdesenvolvidos, Dumazedier, introduz, em sua análise, outra categoria de tempo, o tempo-desocupado. Para ele “O tempo desocupado é flutuante, é um tempo que tem tendência a estagnar, sem progresso. É um tempo de espera, que não é produzido pela produtividade de um sistema econômico; diria

que é um tempo esquecido por ele, porque as forças produtivas, as máquinas, os capitais, não são bastante fortes para mobilizar a mão-de-obra não-qualificada e sem profissão definida<sup>51</sup>. O pensamento liberal concebe o tempo desocupado como consequência natural da lei econômica, devendo parte da população ser sacrificada em detrimento da outra.

Este tempo desocupado pode provocar resultados falaciosos em pesquisas do tipo orçamento/tempo. Através de comparação entre pesquisas desse tipo realizadas no Brasil e em outros países, leva a resultados surpreendentes, como o de que o "tempo gasto com trabalho/condução é menor no Brasil em minutos/dia, do que nos Estados Unidos ou na União Soviética<sup>52</sup>. No entanto os dados do último censo, demonstram que "de cada dois brasileiros com mais de 10 anos de idade, um trabalha. E, dos quase 43,8 milhões de pessoas ocupadas na construção do Produto Interno Bruto ( PIB ), 12,3 milhões ou quase um terço do total, trabalham mais de 48 horas por semana. Superam, nesse esforço, o limite máximo de oito horas diárias fixadas pelos padrões internacionais e endossado, no Brasil, pela Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT"<sup>53</sup>.

Luís Otávio de Lima Camargo comenta, quanto às pesquisas de orçamento tempo, que "Há quem veja nessas tabelas um país folgazão, mas o que eu vejo basicamente é um país que não dá trabalho para todos, trabalho seguro, regulamentado por vínculos. Comparar horas gastas com o trabalho com a Alemanha Ocidental, por exemplo, é perigoso, porque lá há uma distribuição mais igualitária de trabalho, entre homens e mulheres, jovens e idosos. No Brasil ocorre que está embutida nas pesquisas toda a juventude que não trabalha e não é tida como desempregada, muitos só começam aos 25 anos, depois de formados. Os que começam aos 10 anos estão pagando por esses, em termos de estatísticas"<sup>54</sup>. Nos países subdesenvolvidos as estatísticas podem camuflar dados, como homens trabalhando no lugar de outros homens, mulheres, jovens e idosos<sup>55</sup>.

A problemática política da obtenção e do uso do tempo livre é portanto agravada. Analisando a situação do povo norte-americano, Max Kaplan constata "preferência cada vez maior pela obtenção e utilização de tempo livre — fins de semana mais longos, férias, licenças, aposentadoria mais cedo" — e que "no sentido mais amplo, as massas americanas têm-se mostrado cada vez mais dispostas à aquisição de mais tempo para satisfazerem seus interesses, além de mais habilidosas na aquisição de interesses que exigem maior volume de tempo"<sup>56</sup>. No Brasil, uma pesquisa que tinha por objetivo descobrir se a aspiração de trabalhar menos horas mesmo ganhando menos é forte entre nós, como já o é em outros países, não constatou esta tendência<sup>57</sup>.

Renato Requiza afirma que "é errôneo imaginar que a diminuição exclusiva do número de horas de trabalho poderia provocar a ampliação do tempo de lazer". Prossegue o autor: "O que imaginamos é a

criação efetiva de mais tempo livre, continuando ou não com o mesmo número de horas de trabalho”, sugerindo uma reordenação do tempo. “A palavra reordenação, aplicada ao tempo, indiscutivelmente ordenado, por sua própria natureza, indica a necessidade de nova ordenação, de novos arranjos. A finalidade primeira e única dessa reordenação é ampliar ou, conforme as possibilidades, criar mais tempo livre”<sup>58</sup>.

Ainda dentro do tema: “tempo livre e subdesenvolvimento”, Dumazedier analisa a interdependência entre o lazer e as outras esferas da vida, estabelecendo uma visão de conjunto: “Pensamos, no entanto, que de agora em diante, com maior ou menor intensidade, o problema do lazer estará presente no conjunto da civilização industrial, independente do grau de desenvolvimento técnico e do tipo de estrutura social da sociedade em questão. Não somente estará presente, como reagirá sobre outros problemas de ordem econômica, social e cultural, sofrendo simultaneamente sua influência. Aqueles que não lhe conferem a devida importância comprometem a solução dos problemas adiante citados”<sup>59</sup>.

Concluindo, o verdadeiro encaminhamento para a ocupação do novo tempo, com atitudes e atividades que contribuam para o desenvolvimento pessoal e social, está em contradição com a visão funcionalista do lazer e também com a lógica das sociedades de consumo, sobre o que significa vencer na vida. “Se nos cabe educar para o lazer, será necessário modificar muitos dos nossos valores básicos. Será preciso rever nossas idéias sobre o que constitui sucesso na vida. (...) Teremos de buscar mais tempo não para produzir, mas para melhor viver a vida”<sup>60</sup>. Assim, não ignoro a influência das classes, mas não a coloco como força universal — considero também a influência da ação cultural do novo tempo sobre a estratificação social. Subordinando-se a critérios reducionistas da análise estritamente economicista, pode-se cair num novo tipo de idealismo — num imobilismo justificado pela ausência de um quadro de referência ideal.

Voltando à canção em epígrafe, reafirmo a crença de que apesar da fadiga, da injustiça, dos perigos e dos enganos, o novo tempo, constitui um tempo de mudança, um canal possível para a construção da nova cultura, qualquer que seja a ordem social dominante.

## BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis, Vozes, 1978. 180 pp.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Lazer e Desenvolvimento Urbano**. *Boletim*, Rio de Janeiro, CBCISS, 1980. 158: 2 — 22.

- \_\_\_\_\_ **Relações entre Renda e Lazer.** São Paulo, SESC, s.d.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica.** São Paulo, Mestre Jou, 1977, 378 pp.
- CELAZER, Lazer e Trabalho. **Resumo de Pesquisas.** São Paulo, SESC, s/d.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo, Perspectiva, 1973. 333 pp.
- \_\_\_\_\_ **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer.** São Paulo, SESC, 1980. 180 pp.
- \_\_\_\_\_ **Questionamento teórico do Lazer.** Porto Alegre, CELAR, s.d. 73 pp.
- \_\_\_\_\_ **A Revolução Cultural do Lazer nos Centros Urbanos. Cadernos de Lazer.** São Paulo, SESC/Brasiliense, 1977. 1: 43 – 52.
- \_\_\_\_\_ **Lazer nas Sociedades em Desenvolvimento. Anais do Primeiro Encontro Nacional sobre o Lazer.** Rio de Janeiro, SESC, 1975. 42: 49.
- FOLHA DE SÃO PAULO. O Tempo Livre do Brasileiro. **Folhetim.** São Paulo, 18/out./1981: 11.
- FOURASTIÉ, J. **Des loisirs: pour quoi faire ?.** Casterman, 1970.
- FRIEDMANN, Georges. **O Trabalho em migalhas – especialização e lazers.** São Paulo, Perspectiva, 1972. 283 pp.
- FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea.** Rio de Janeiro, Zahar, 1970. 347 pp.
- GRAZIA, S. de. **Of time, work and Leisure,** New York, The Twentieth Century Found, 1962. 559 pp.
- IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução Industrial.** São Paulo, Brasiliense, 1982, 114 pp.
- KAPLAN, M. **Theorie and practice of leisure.** Prentice Hall, 1975.
- \_\_\_\_\_ **Lazer nos Estados Unidos. Cadernos de Lazer.** São Paulo, SESC/Brasiliense, 1978. 3: 7 – 15.
- LANFANT, M. F. **Les théories du Loisir.** Paris, PUF, 1972, 254 pp.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. **Educação para o lazer. Boletim,** Rio de Janeiro, SESC, 1980. 3: 37 – 54.
- MORAIS, Regis de. **Construção Social da Enfermidade,** São Paulo, Cortez & Moraes, 1978. 199 pp.

- \_\_\_\_\_ **O que é violência urbana.** São Paulo, Brasiliense, 1981, 113 pp.
- NADLER, Maria Sílvia Duarte. A herança de Vargas: um presente de grego. *Diário do Povo* — Campinas, 28/jan./79, p. 4.
- NUDELMAN, Clea e CAMPOS, Maria Célia Malta. Férias um pesadelo ANDE. São Paulo, Associação Nacional de Educação, 3, 1982, pp. 12 — 20.
- PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 184 pp.
- PAPPENHEIM, Fritz. **A Alienação do homem moderno.** São Paulo, Brasiliense, 1967. 110 pp.
- REQUIXA, Renato. **Sugestões de Diretrizes para uma política nacional de Lazer.** São Paulo, SESC, 1980. 103 pp.
- \_\_\_\_\_ **O Lazer no Brasil.** São Paulo, Brasiliense, 1977, 111 pp.
- \_\_\_\_\_ Juventude e tempo livre em países em desenvolvimento. *Boletim.* Rio de Janeiro, SESC, 1, 1980. 7 a 22 pp.
- RIESMAN, David. **A Multidão Solitária — um estudo da mudança do Caráter americano.** São Paulo, Perspectiva, 1971. 390 pp.
- ROLIM, Liz Cintra. **Relação entre o processo educativo e o fenômeno lazer considerado como fator de desenvolvimento e realização da pessoa humana.** Porto Alegre, PUC-RS, 1978, 176 pp.
- RUSSEL, Bertrand. **Elogio do Lazer.** Rio de Janeiro, Zahar, 1977. 193 pp.
- SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo, SESC. 1980. 124 pp.
- VEJA. Macunaíma dá duro. São Paulo, Editora Abril, nº 710, 14/abril/82, pp. 52 a 56.

#### NOTAS:

- (1) RIESMAN, D. "A Multidão Solitária"; KAPLAN, M. "Theorie and practice of leisure".
- (2) FOURASTIÉ, J. "Des loisirs: pour quoi faire ?"
- (3) DUMAZEDIER, J. "Questionamento Teórico do Lazer".
- (4) PARKER, Stanley. "A Sociologia do Lazer", p. 20.
- (5) *Ibid.*, p. 21.
- (6) LANFANT, M. F. "Les théories du Loisir"; GAZIA, S. de "Of time, work and Leisure".
- (7) DUMAZEDIER, *op. cit.* p. 18.
- (8) CASSIRER, Ernst "Antropologia Filosófica" p. 76.
- (9) ROLIM, Liz Cintra "Relação entre o processo educativo e o fenômeno lazer..." p. 41.
- (10) DUMAZEDIER, J., *op. cit.* pp. 25 — 26.

- (11) REQUIXA, Renato "O Lazer no Brasil" p. 28.
- (12) FRIEDMANN, G. "O Trabalho em Migalhas" p. 162.
- (13) Ibid., p. 163.
- (14) FROM, E. "Psicanálise da Sociedade Contemporânea" p. 19.
- (15) PAPPENHEIM, F. "A Alienação do Homem moderno" pp. 23 — 24.
- (16) Ibid., p. 24.
- (17) IGLÉSIAS, F. "A Revolução Industrial" p. 89.
- (18) RUSSEL, B. "Elogio do Lazer" p. 22.
- (19) BOSI, E. "Cultura de Massa e Cultura Popular" p. 76.
- (20) RIESMAN, D. "A Multidão Solitária", p. 59.
- (21) Ibid., p. 60.
- (22) DUMAZEDIER, J. "Lazer e Cultura Popular", p. 110.
- (23) CASSIRER, op. cit., p. 87.
- (24) Ibid., p. 88.
- (25) Ibid., p. 92.
- (26) FRIEDMANN, op. cit., p. 169.
- (27) CASSIRER., op. cit., p. 75.
- (28) MORAIS, Regis de "Construção Social da Enfermidade", p. 77.
- (29) MORAIS, Regis de "O que é violência urbana", p. 28.
- (30) Ibid., pp. 28 — 29.
- (31) DUMAZEDIER, J. "Lazer e Cultura Popular" p. 57.
- (32) NADLER, Maria Sílvia Duarte. "A Herança de Vargas: um presente de grego".
- (33) REQUIXA, R. op. cit., p. 30.
- (34) RIESMAN, D. op. cit., p. 352.
- (35) Ibid., p. 352.
- (36) DUMAZEDIER, J. "Lazer e Cultura Popular", p. 118.
- (37) DUMAZEDIER, J. "A Revolução Cultural do Lazer nos Centros Urbanos — o caso específico dos países em desenvolvimento".
- (38) Ibid.
- (39) REQUIXA, R. "Juventude e tempo livre em países em desenvolvimento".
- (40) MORAIS, Regis de "O que é Violência Urbana" pp. 61 — 77.
- (41) NUDELMAN, Clea e CAMPOS, Maria Célia Malta "Férias um pesadelo" e "da transformação do pesadelo em bons sonhos".
- (42) Ibid.
- (43) SALGADO, Marcelo A. "Velhice, uma nova questão social", p. 63.
- (44) Ibid., p. 65.
- (45) Ibid., p. 65.
- (46) Ibid., pp. 65 — 66.
- (47) CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. "Relações entre Renda e Lazer".
- (48) CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. "Lazer e Desenvolvimento Urbano, p. 10.
- (49) DUMAZEDIER, J. "Lazer nas sociedades em desenvolvimento".
- (50) CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. "Lazer e Desenvolvimento Urbano", pp. 11 a 18.
- (51) DUMAZEDIER, J. "Valores e conteúdos Culturais do Lazer", p. 23.
- (52) FOLHA DE SÃO PAULO, "O Tempo Livre do Brasileiro", Folhetim, p. 11.
- (53) VEJA, "Macunaíma dá duro" p. 52.
- (54) FOLHA DE SÃO PAULO, "O Tempo Livre do Brasileiro", Folhetim, p. 11.
- (55) Ibidem.
- (56) KAPLAN, M. "Lazer nos Estados Unidos".
- (57) CELAZER — "Lazer e Trabalho", pesquisa realizada pelo SESC de São Paulo, com pessoas de 18 anos ou mais, que trabalham como empregados, residentes nos municípios de São Paulo, Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Osasco e Guarulhos.
- (58) REQUIXA, R. "Sugestões de Diretrizes para uma política Nacional de Lazer", p. 87.
- (59) DUMAZEDIER, J. "Lazer e Cultura Popular", p. 274.
- (60) Charles K. Brightbill, apud MEDEIROS, Ethel Bauzer, "Educação para o Lazer".